



Maravilhosos dias atlânticos

Por Armando Marques, vice-presidente da Direcção da CTOC

Correndo o risco de sair um pouco da tradição de conteúdos da nossa revista, não resisto em deixar aqui uma modesta, mas justa homenagem, aos colegas das nove ilhas que compõem a Região Autónoma dos Açores, local onde se sente a imensidão do Atlântico – qual jardim rodeado pelo mar – e o desafio permanente da natureza.

Há quase uma década que me desloco com regularidade a estas ilhas, sempre com uma ingénuia – ou talvez não – esperança de não sentir o roncar de um qualquer vulcão, de não viver os momentos sempre ansiosos de um tremor da terra, de não sentir um violento temporal, enfim, de não passar por sensações que no Continente não acontecem com a mesma frequência.

Mas é precisamente o receio desses fenómenos que me atraem a este arquipélago marcado pela beleza das suas lagoas circundadas de um verde maravilhoso, das hortênsias que embelezam qualquer caminho ou estrada, deste mar que nos convida a reconciliar com nós próprios e com o encanto destas maravilhosas ilhas.

É aqui que nos sentimos pequenos quando a natureza estremece e reconhecemos que uma mais forte oscilação da terra pode traduzir-se por um adeus, até sempre!

E é esse sentimento de incerteza que já consegui ultrapassar, pois, finalmente, compreendi que de nada vale o receio quando o prazer é maior. E sentir a beleza destas ilhas e o carinho destas gentes, ultrapassa de longe o medo de enfrentar os riscos, não obstante se sentir, frequentemente, o coração mais apertado e quente.

Não é ao acaso que alguém escreveu que o coração dos açorianos é de “água e de fogo”.

Quando nos dispomos a viajar para países que não o nosso, creio que seria uma excelente opção conhecer primeiro as nossas regiões autónomas, pois aqui existe tudo o que o comum

dos cidadãos necessita após um ano de trabalho intenso, recheado de preocupações e responsabilidades múltiplas.

A hospitalidade, o calor humano, a solidariedade nos momentos mais críticos, as quatro estações do ano num só dia – traz-nos à memória o I(Y)ES, quatro em um – e todo o mistério que envolve esta Região, faz com que não nos esqueçamos nunca destas “ilhas dos amores”, onde cada lagoa evoca um fenómeno da natureza que, apesar de aterrador no passado, transformou-se hoje numa paisagem soberba.

Recordo com saudade, na minha segunda visita de férias a estas ilhas, com outros amigos, um passeio por um trilho difícil – para mim – à Lagoa dos Nenúfares, em São Miguel, ali para os lados da Lagoa do Congro, se a memória não me trai, tendo por guia um residente local, que muito tolerante se mostrou em virtude do complicado acesso ao local, mas que foi de um reconfortante estímulo para a alma sentir a beleza e o silêncio daquele sítio, onde o tempo não tem fim e a luxúria da vegetação parece transportar-nos para outros mundos, onde a pressão e o *stress* da vida são ignorados e as responsabilidades completamente ausentes.

Dúvidas não restam que a grande aposta do arquipélago dos Açores é na riqueza ambiental, pois tem sabido resistir à tentação do turismo de massas, preservando, assim, aquilo que hoje escasseia à escala internacional.

Se me é permitido um conselho aos colegas que apreciam a natureza, venham até aos Açores, contactem com um colega residente e sintam o que só a alma pode abraçar nestas terras como que semeadas por um qualquer anjo que quis brindar os mortais com uma beleza capaz de esquecer os nossos dias de pressão permanente, fruto das funções que exercemos.

Entretanto, cá continuamos, com persistência, a difundir a I(Y)ES! ■